



Moda, corpo a modificações corporais: uma entrevista com Beatriz Ferreira Pires

Beatriz Patriota¹

Apresentação

Aqui somos levados a conhecer um pouco mais sobre a professora e pesquisadora e seu campo de estudo. Beatriz Ferreira Pires é arquiteta, artista visual, professora e pesquisadora do Curso de Têxtil e Moda da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. É autora dos livros: “O corpo como suporte da arte: piercing, implante, esscarificação, tatuagem” (SENAC, 2005) e “Corpo inciso, vazado, transmutado: inscrições e temporalidades” (Annablume/FAPESP, 2009). Estuda as relações entre moda, arte, corpo, *body art*, tecidos epidérmicos e têxteis e modificações corporais.

A professora tem uma formação que abrange as áreas de letras, educação, artes e arquitetura e seus estudos focaram nas discussões sobre moda, arte e modificações corporais. Gostaríamos de saber o que a levou a estudar as modificações corporais.

Comecei a pesquisar o tema nos anos 1990, quando cursava (no início como aluna especial) disciplinas do programa de pós-graduação em artes visuais da UNICAMP. A motivação foi a intensidade com que as imagens de faces e corpos possuidores de modificações que não se utilizam de elementos similares aos inatos afetam seus observadores. Sempre pensei em como o surgimento de alguns movimentos artísticos, como o dadaísmo, por exemplo, atuaram de forma visceral para o surgimento de novas percepções e, conseqüentemente, de novos conhecimentos. Reconheci nestes corpos modificados esta potencialidade. Além disso, a feitura das inscrições corporais sempre esteve ligada a rituais realizados por nossos ancestrais mais longínquos - tema que sempre me interessou.

Qual sua relação com a tatuagem e as modificações corporais?

Minha relação é sempre estética/ritualística. Como diz Fakir Musafar, nenhuma interferência corporal atua somente na matéria.

Como surgiu seu interesse por estudar moda?

Meu interesse está sempre voltado para o corpo. O suporte da moda vestível é o

1 Doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. Bolsista FAPESP.



corpo.

Como vê a relação entre as modificações corporais, que apresentam um caráter “permanente”, e a moda?

As modificações corporais não são as primeiras nem serão as últimas práticas com caráter “permanente” que a moda coopta. É da natureza da moda se alimentar de elementos que difiram do que é comum, corriqueiro. Quando o status de diferente deixar de existir, tais práticas ou elementos deixarão de atrair o interesse desse campo e continuarão a ocupar o lugar que lhes foi dado por nossos ancestrais.

De que forma a senhora compreende a relação atual entre moda e corpo?

Cada vez mais, as áreas da moda vestível e da medicina estética se mesclam. Muitos indivíduos se submetem a procedimentos médico-cirúrgicos com o objetivo de aproximar seus corpos o máximo possível do padrão de beleza momentaneamente estabelecido. Tais procedimentos, feitos por alguns com o intuito de adequar seus corpos às proporções das roupas utilizadas em determinado período, inverte a relação na qual a roupa se amolda ao corpo.

No atual momento de expansão das fronteiras da arte, desde a arte contemporânea, a moda se posiciona como uma arte ou como uma prática que se apropria da arte?

Por algum motivo a arte tem sido convocada a compor várias áreas de conhecimento. Os percursos que levam à feitura das obras de arte e os percursos que levam à confecção das peças de moda passam por reflexões diferentes. Arte é arte, moda é moda.

Voltando para sua formação em arquitetura, é possível dizer que há uma influência da arquitetura na moda e vice-versa?

Ambas atuam como invólucros do corpo. O que muda é a escala.

Como a professora vê as diferenças entre a prática da tatuagem hoje e a forma como ela era realizada tradicionalmente?

Tradicionalmente, a prática de inscrições corporais estava vinculada às esferas do sagrado e da magia. E como tal, estas tinham entre outros papéis, tais como evidenciar o status social, o estado civil, etc., a função de proteger imaterialmente o indivíduo que as possuísse, seja de malefícios materiais, tais como ferimentos, seja de malefícios imateriais como, por exemplo, maus pensamentos. Atualmente em nossa sociedade, exceto para alguns, as inscrições corporais não possuem tais funções e nem se vinculam mais às referidas esferas. Em alguns casos, conforme relatado por Beatriz Patriota em sua pesquisa de doutorado, o único elo existente entre tatuador e tatuado é a tatuagem. Ambos não se conhecem e nem se veem. A tatuagem é feita sem que haja nenhum conhecimento prévio das intenções e gostos estéticos de ambos. O indivíduo a ser tatuado se submete a uma sessão de tatuagem da qual desconhece o tatuador, a escola que ele segue e o



desenho que será aplicado ao seu corpo. Certamente a relação destes indivíduos com as suas tatuagens pertence à outra ordem.

Considerando a popularização da tatuagem nas últimas décadas, a senhora acredita que a tatuagem tem se distanciado de outras modificações corporais consideradas mais extremas, como a suspensão e a bifurcação de língua?

Penso que fisicamente, estas três práticas não podem ser comparadas. A tatuagem inscreve no corpo desenhos, palavras e símbolos, feitos com pigmentos de cores variadas que, em nada, se assemelham aos inatos. A suspensão é uma prática na qual, materialmente, as intervenções feitas no corpo, ritualística ou performaticamente, duram um período determinado de tempo. A bifurcação de língua é uma modificação estética-funcional. Quem a adquire reaprende algumas ações, como falar, comer, etc., e desempenha outras que antes da modificação não eram possíveis, como segurar um cigarro com a língua, sem utilizar as mãos.

A pesquisadora tem observado alguma lacuna nesse campo de estudos no Brasil?

A investigação acadêmica das modificações corporais contemporâneas é um campo novo. Há muito que desenvolver.